PLACEMAKING: TEORIA E PRÁTICA NA PRAÇA DA ALVORADA EM FORTALEZA-CE. UMA EXPERIÊNCIA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIOESPACIAL.

A. A. Vasconcelos, J. O. S. A. Braga, J.F. H. Queiroz, M. A. Oliveira, R P. Morano

RESUMO

Fortaleza é uma cidade contrastante em sua conformação física e social, o que é evidenciado na sua segregação, seja de maneira imposta ou voluntária, de acordo com as diferentes classes sociais. Na tentativa de aprimorar o espaço público e suas relações, decidiu-se realizar uma oficina de Placemaking para estudantes universitários em colaboração com moradores do entorno da Praça da Alvorada. A preparação desse evento contou com pesquisa sobre o tema principal e correlatos como Direito à Cidade e Urbanismo Tático. A oficina durou quatro dias, com debate de conceitos apresentados por agentes de transformação urbana - relevantes tanto aos alunos quanto aos moradores do local -, execução das ideias com base nas necessidades da população e por último uma celebração da experiência entre os colaboradores. Notou-se que os objetivos da oficina foram alcançados, causando mudanças no espaço físico da praça, fortalecendo a identidade e uso e incentivando a ação cidadã.

1 INTRODUÇÃO

Fortaleza passou por um processo de embelezamento da cidade e começa a ser pensada com um olhar empreendedor, trazendo consigo significativas propostas de negócios com grande impacto e visibilidade. Entretanto, esses projetos são pontuais, pensados individualmente, deixando de lado o pluralismo da cidade e o sistema no qual está inserida. Assim, a cidade cresceu de maneira desigual, onde são privilegiadas porções da cidade em detrimento de outras. Queiroga (2011, p. 39) confirma a importância do debate sobre o tema e da possibilidade de produção de paisagens nas metrópoles, de modo a ampliar "o gozo público do território a todos os homens": vazios devem ser preenchidos para tornarem-se espaços da esfera da vida pública.

O desenvolvimento de relações e abordagens do espaço urbano está intimamente ligado a valores como bem-estar, revalorização do tempo, proximidade, conforto, equilíbrio e intercâmbio cultural. O bem-estar e a experiência com o espaço urbano podem ser obtidos a partir de novas proposições de ação, observação e interação com o ambiente em que as pessoas habitam (Oliveira, et al., 2008-2009). É própria das cidades a vivência da rua, essa nos faz lembrar as possibilidades dessa incessante negociação com a realidade: Interromper um hábito, alterar o curso de um andar, permitir-se instigar pela cidade e lançar sobre ela um olhar oblíquo (Gonçalves, 2007). Por isso, a cidade não é simplesmente onde se vive, é acima de tudo uma encruzilhada (Virilio, 1993). Deste ponto de vista, há que se considerar a cidade não apenas como um espaço, mas como uma experiência e uma prática social de lugar.

Essas experiências surgem, também, mediante intervenções urbanas, que na área de Urbanismo e Arquitetura, podem ser identificadas como programas e projetos que visam a reestruturação, requalificação ou reabilitação funcional e simbólica de regiões ou edificações de uma cidade e tem como objetivo criar novos usos de caráter espontâneo, promovendo a apropriação da população com um determinado espaço.

Nesse contexto, o conceito de "direito à cidade" surge para embasar o porquê de algumas intervenções de caráter urbano. Assim, o conceito foi criado pelo sociólogo francês Henri Lefebvre em seu livro de 1968 *Le droit à la ville*, que define o direito à cidade como um direito de não exclusão da sociedade das qualidades e benefícios da vida urbana. No texto Lefebvre escreve sobre a segregação socioeconômica e seu fenômeno de afastamento referindo-se à "tragédia dos *banlieusards*" na qual pessoas de classe baixa foram forçadas a viver em guetos residenciais longe do centro formal e dinâmico da cidade, enquanto isso, "a burguesia, o espaço público deixa de ser a rua – lugar das festas religiosas e cortejos que engloba a maior variedade possível de cidades e condições sociais – e passa a ser a sala de visitas ou o salão." (Rolnik, 2012, p. 55). Perante este cenário, Lefebvre, exige o direito à cidade como uma recuperação coletiva do espaço urbano por grupos marginalizados que vivem nos distritos periféricos da cidade.

Hoje, grande parte da população – seja classe alta, média ou baixa – clama por esse direito que foi perdido devido às carências de acessibilidade, arborização e segurança pública, bem como o crescente afastamento das pessoas entre si e para com a cidade. Raquel Rolnik (2012, p.23) fala que "ser habitante da cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos". É importante que todos opinem, respeitem, atuem e cuidem do espaço público e dos outros cidadãos.

Em contraposição, é importante destacar, também, a crescente atuação dos cidadãos para enfrentar os desafios urbanos - a convivência no espaço público, crise da água, agricultura urbana, reciclagem, entre outros – que estão presentes no nosso dia-a-dia. Essas pequenas atuações ou intervenções são chamadas de Urbanismo Tático que segundo Steffens, K. e Vergara, J. (2013) é "um protótipo de curto prazo que pode dotar de informações para o planejamento de longo prazo" sendo "construídas a partir de grupos de pessoas empoderadas, ou seja, urbanismo cidadão" de forma a reconhecer "o valor das ações informais no espaço público e incorporar na forma de políticas públicas urbanas inclusivas de longo prazo".

Pode-se dizer que o urbanismo tático é uma abordagem voluntária da construção da cidade, e atrelado a ele, está o conceito de "placemaking" que em tradução livre significa "fazendo o lugar". Criado nos anos 1980, nos Estados Unidos, o "Placemaking é um processo de planejamento, criação e gestão de espaços públicos totalmente voltados para as pessoas, visando transformar 'espaços' e pontos de encontro em uma comunidade – ruas, calçadas, parques, edifícios e outros espaços públicos – em 'lugares', que eles estimulem maiores interações entre as pessoas e promovam comunidades mais saudáveis e felizes". (Brasil, s.d.)

Assim, tivemos como base para a experiência do Placemaking na praça da Alvorada no bairro Sapiranga na cidade de Fortaleza, conceitos que nos ajudaram a trabalhar o olhar acerca do uso dos espaços públicos, assim como o diálogo para com as pessoas que vivem, trabalham ou visitam um local à fim de descobrir suas necessidades e desejos.

2 JUSTIFICATIVA

Ao tratar do conceito de Cidades Para Pessoas (Gehl, 2013), nota-se o quão correlacionado ele é com as ações anteriormente mencionadas. É impossível pensar em uma cidade para pessoas em que não existe apropriação do espaço público. Fortaleza ainda lida com dificuldades para encaixar-se nesse contexto. Um cenário de abandono por parte do poder público, receio relacionado à segurança por parte da população e até desconhecimento dos equipamentos existentes por parte dos moradores é uma realidade em certas áreas da cidade.

No I Congresso de Espaços Públicos da PUC-RS, os autores tiveram a oportunidade de se familiarizar com o conceito de Placemaking, aplicado em oficinas pelo arquiteto holandês Hans Karssenberg. Naquele momento, percebeu-se a importância da disseminação desse conceito como agente de mudança da atual situação em Fortaleza, como auxiliador em um processo de maior apropriação dos espaços públicos pelos cidadãos em geral, bem como uma maneira prática de fomentar a compreensão dos alunos de arquitetura e urbanismo dos assuntos estudados em sala em uma escala mais próxima da realidade cotidiana.

De acordo com a necessidade de constante atualização dos conceitos e métodos de abordagem no meio acadêmico, bem como de conhecimento por parte dos estudantes do que é aprendido na área de arquitetura e urbanismo em outras partes do Brasil e do mundo, optou-se pelo método do Placemaking, que age como uma fuga ao estilo de aula expositiva e fornece uma experiência de imersão, mostrando uma maneira adequada de fornecer oportunidades de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, aspecto tão importante no curso.

Além de trazer um contato direto com pessoas externas à vivência estudantil com as quais o futuro profissional deve aprender a lidar, o Placemaking engrandece a capacidade do aluno de compreender e interpretar as necessidades das outras pessoas para quem irá construir. Concomitantemente a esses benefícios de cunho acadêmico, viu-se na aplicação dessa metodologia um potencial de incentivar um maior interesse do cidadão comum na forma de agir na cidade, independente da profissão em que atua.

A Praça da Alvorada foi escolhida para receber a oficina de acordo com critérios a serem definidos na metodologia. O local, à época, já contava com uma intensa participação das comunidades do entorno, no bairro Sapiranga. Ao visitar a praça, grande parte da população apontou como fonte principal para obtenção de informações o líder da comunidade: Wander Alencar. Foi relatado por ele um histórico de lutas e conquistas: disse ser aquela uma área que, um ano atrás, era alvo de brigas de gangues e mortes recorrentes. Após uma intensa campanha de pacificação, o bairro tornou-se local de boa convivência, embora carente de ações que tragam confiança e inspiração à população para ocupação dos espaços livres.

3 OBJETIVO

3.1 Objetivo Geral

Proporcionar uma experiência prática de interação com a cidade, com foco nos espaços públicos.

3.2 Objetivos Específicos

- Difusão de conceitos como Placemaking, Urbanismo Tático e Direito à Cidade.
- Imersão dos estudantes no cenário urbano.
- Fomentar o diálogo entre a comunidade e os alunos a fim de possibilitar um processo de ideias e ações colaborativas, ultrapassando barreiras e preconceitos sociais.
- Estímulo à apropriação do espaço público.

4 METODOLOGIA

A metodologia da oficina de Porto Alegre contava com uma atividade chamada Placegame – "jogo do lugar", em tradução livre – que tinha como material instrutivo um caderno com perguntas a serem respondidas individualmente e em equipe – organizados de forma a fragmentar os grupos de amigos já estabelecidos, a fim de proporcionar uma maior integração entre os presentes – após verificação do espaço escolhido para a oficina, que foi uma praça próxima à Pontifícia Universidade Católica – PUCRS. Lá, o espaço fora dividido em seis partes, cada uma com um ponto que marcasse e facilitasse a identificação, como parada de ônibus, espaço coberto, playground, área arborizada, entre outros. Os grupos tiveram um período de meia hora para explorar o espaço e conversar com os usuários desses ambientes que estivessem ali. Após essa verificação, cada pessoa teve que quantificar qualidades e problemas percebidos no lugar. Primeiro individualmente e depois em discussão com o resto do grupo. Ao fim desse momento, os grupos retornaram para a PUCRS, onde receberam uma cartolina na qual deveriam apresentar uns aos outros os problemas e potencialidades de cada área, reconhecendo os possíveis parceiros para efetivar as ações planejadas – distinguidas entre curto, médio e longo prazo. No entanto, após a apresentação de cada grupo, a oficina foi encerrada. Todas essas atividades ocorreram no período da tarde e noite do dia 24 de outubro de 2015.

Após o retorno da viagem, os autores decidiram realizar uma oficina semelhante na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) na ocasião do III Seminário de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo. Foi iniciado, a partir daí, o processo de discussão e avaliação da vivência prévia, para que fosse possível verificar como melhorar a experiência dos estudantes inscritos. Primeiramente, foi decidido que seria importante aplicar uma maior carga teórica e incentivadora aos participantes. Depois, o material que havia sido entregue na etapa de avaliação e apresentação das áreas foi analisado e adequado às novas necessidades. Por último, mas não menos importante, decidiu-se que a oficina não poderia terminar na apresentação aos pares. Era necessário dar o devido retorno à comunidade e oferecer aos estudantes uma experiência que efetivamente concretizasse as propostas.

4.1 Escolha do espaço

Para garantir essa melhor experiência na oficina e o retorno devido à comunidade e o espaço escolhido, foi necessário que, muito antes do início das atividades com os estudantes de arquitetura, fossem escolhidas a praça, a comunidade e a população que construiria coletivamente essa experiência.

Os critérios para seleção do espaço foram: que tivesse em torno de 50 metros de comprimento para cada lado; que não tivesse uma estrutura muito degradada, nem recém-reformada, para que pequenas ações pudessem melhorar adequadamente o ambiente, garantindo identidade e pertencimento; e que houvesse uma apropriação do espaço por parte

dos moradores do entorno, utilização dos equipamentos, mesmo que precários, e aspectos que demonstrassem o interesse e preocupação dos habitantes. Dentre as praças pré-selecionadas pela equipe em relação ao tamanho e à situação física, estavam a Praça da Argentina, Praça do Mercado Joaquim Távora, Praça do Conjunto Polar, Praça da Soriano Albuquerque e Praça da Alvorada, sendo essa última a escolhida.

4.2 A Praça da Alvorada

Localizada no bairro Sapiranga, foi percebido o diferencial do espaço durante a visita. Uma área pequena de formato triangular, com uma quadra central que atua como polo das atividades e que demonstra uso intenso durante a noite, pois recebe regularmente times de basquete. Percebeu-se também um grande fluxo de pessoas na praça, que é ambiente para as festas realizadas pela comunidade e conta tanto com barraquinhas fixas como móveis. Além disso, destacou-se a presença de lixeiras confeccionadas com garrafões de 20 litros de água mineral reutilizados (Figura 1), uma demonstração da já existente disposição de apropriar-se e cuidar do espaço. Ao questionar os moradores, foi respondido que aquela era uma intervenção popular organizada por um grupo local, tendo o senhor Wander Alencar à frente. Essa ação concluiu a verificação quanto ao critério de apropriação do lugar pela comunidade. Assim, foi realizado o contato com o líder para explicar as intenções do projeto e convidá-lo como um parceiro de organização das futuras ações a serem aplicadas no logradouro.

Fig. 1 Lixeiras de garrafões. Fonte: arquivo pessoal.

Eram notáveis, entretanto, áreas de carência: o parquinho, praticamente em desuso, encontrava-se degradado, com balanços caídos e poucos brinquedos. Além disso, muitos dos bancos da praça estavam quebrados e eram posicionados no sol. Isso demonstrava o potencial do espaço em receber ações transformadoras de curto prazo e baixo orçamento.

Com o espaço público definido, foi iniciado um planejamento a partir de reuniões semanais da equipe organizadora, em busca de garantir uma identidade forte e um compromisso que não se resumisse apenas a essa ação. Adotou-se, a partir daí, o nome de “Coletivo A-Braço”, em referência ao afeto e integração que ocorre nas ações, ao mesmo tempo em que se evidencia a prática manual necessária à concretização de seus objetivos.

Dessa maneira, a preparação da ação foi realizada em duas frentes: o material de apoio informativo e de apresentação aos estudantes da UNIFOR e a aproximação da comunidade da Sapiranga, também com apresentações e material informativo, convidando-os a participarem da ação em conjunto com os alunos.

4.3 Processo de formação da oficina

Primeiramente, foi planejado o convite a pessoas e grupos que modificam o espaço público em prol da coletividade e atuam de maneira formalizada ou não para esse fim. Esses

convidados integrariam a mesa de discussão sobre “Mudar a Cidade”, organizada no primeiro dia da “Oficina de Placemaking”. Foram convidados o Coletivo Verdejar – responsável por plantar árvores, de forma voluntária, em diversas praças e ruas da cidade -, a Sra. Liana Feingold do escritório Estar Urbano – responsável pela criação do primeiro parklet de Fortaleza e por iniciativas como criação de ruas compartilhadas em parceria com o setor privado -, o Sr. Narcélio Grud – artista urbano responsável pelo Festival Concreto que intervém de diversas maneiras no espaço público da cidade -, o Sr. Celso de Liz – presidente da Associação Amigos da Praça Martins Dourado, Associamigos, bairro Cocó – e o Sr. Wander Alencar da Sapiranga – líder comunitário responsável por organizar diversos eventos na região em prol da pacificação e qualificação das ruas.

Em seguida, para o segundo dia da oficina foi elaborado material com cinco páginas – excetuando a capa e contracapa - que demonstrasse clareza na abordagem de alguns conceitos, especialmente o Placemaking – um conceito relativamente novo aos alunos – e orientasse a atuação dos grupos no momento que já estivessem na praça. Para tanto, foi colocada na primeira página uma definição de Placemaking, adaptada e traduzida a partir de material retirado do site “Project for Public Spaces” (PPS) em que se elencavam vários pontos que definisse o que é e o que não é o conceito abordado. Em seguida, foram inseridas as orientações de atuação dos grupos para o levantamento de dados na praça e para a elaboração e posterior apresentação das ideias. À terceira página, foi colocado um gráfico circular que informava uma hierarquia de temas, qualidades e estratégias. Esse material – em inglês – foi retirado novamente do site PPS. Na quarta página, uma imagem aérea (Figura 2) mostrava a praça e a setorização estabelecida para os grupos. Por último, se encontrava o formulário para que os alunos pudessem avaliar com notas de 01 a 04 (ruim a bom) os critérios demonstrados previamente no gráfico circular, e algumas perguntas foram colocadas para provocar os estudantes a identificarem oportunidades.

Fig. 2 Imagem aérea da praça setorizada. Fonte: arquivo pessoal

Concomitantemente, para a execução das propostas a serem desenvolvidas pelos alunos no espaço físico da praça, foi solicitado uma série de materiais e o transporte à universidade.

A segunda frente de preparação para a oficina tratou de preparar a aproximação com a comunidade da Sapiranga, realizando visitas informais, convites e divulgando nos espaços

físicos e midiáticos possíveis. Contando com o intermédio do senhor Wander Alencar – já como colaborador e interessado na realização e nos resultados da oficina de Placemaking, foi oferecido um espaço no programa “A Voz da Sapiranga”, da rádio Liderança, no dia 26 de fevereiro de 2016, para que a equipe apresentasse e explicasse melhor o projeto e convidasse também para uma grande apresentação sobre o tema, a ser realizada na semana seguinte na Praça da Alvorada. Ao responder perguntas que eram enviadas pelos ouvintes e explicar cada ponto do projeto e do procedimento que seria adotado, a equipe conseguiu assim alcançar um número razoável de moradores e deixa-los instigados para conhecer mais na semana seguinte.

No dia 03 de março de 2016, na Praça da Alvorada, um grupo de, aproximadamente, 20 moradores da região foi assistir à palestra da equipe organizadora. Dessa maneira, essas pessoas tiveram a oportunidade de ver e discutir antecipadamente o material que seria apresentado, também, na UNIFOR para os alunos durante o debate “Como Mudar a Cidade?”, com introdução a conceitos como “Direito à Cidade”, “Urbanismo Tático” e “Placemaking”, além de mostrar iniciativas e lugares da cidade que poderiam ser ou não exemplares. Ao final, foi anunciado o dia que ocorreria a intervenção em conjunto com os alunos da instituição, sendo possível reconhecer o interesse de alguns que vieram conversar com os organizadores pessoalmente.

Paralelamente, a equipe buscou uma escola de ensino infantil e fundamental próxima para convidar e tentar integrar as crianças a esse processo. Para incentivá-las a conhecer, questionar e participar, foram realizadas duas pequenas apresentações, realizadas de maneira mais leve e descontraída, com foco em temas como mobilidade urbana e qualificação dos espaços públicos.Dessa maneira, as bases foram colocadas para que fosse possível realizar a Oficina de Placemaking com sucesso.

5 DISCUSSÃO E RESULTADO

Como produto de todo esse processo, a Oficina de Placemaking foi realizada entre os dias 09 e 12 de março, inclusa na programação da III Seminário de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Fortaleza. A organização se deu partindo do princípio de que antes de iniciar a elaboração de propostas, seria fundamental o compartilhamento de experiências de pessoas que atuam diretamente no meio urbano, entretanto sob diferentes perspectivas - arte, arquitetura, meio ambiente e administração.

5.1 Palestras

No dia 09 de março, às 14h, foi realizado um ciclo de palestras, contando com a presença de cinco convidados - Coletivo Verdejar, Narcélio Grud, Liana Feingold, Wander Alencar e Celso de Liz - e a participação de 50 ouvintes.

O Coletivo A-braço introduziu a tarde esclarecendo os conceitos de “direito à cidade”, “urbanismo tático” e “placemaking”. Com o apoio de registros fotográficos da cidade de Fortaleza, foram exemplificadas algumas situações de urbanidades desejáveis, bem como outras que se encontravam em situações criticas, fazendo um comparativo de realidades a fim de sensibilizar o olhar das pessoas para com a metrópole.

Posteriormente, a apresentação de cada convidado teve duração média de 20 minutos, onde cada um expunha uma amostra do tipo de relação que seu trabalho estabelecia com a cidade.

Vale ressaltar que, no processo de escolha dos convidados, houve a preocupação de selecionar pessoas inspiradoras e que provocassem inquietações, como foi o caso dos dois líderes comunitários - Wander Alencar e Celso de Liz -, os quais residem em contextos significantemente distintos, tendo em vista que o bairro Cocó configura-se como um dos mais nobres da capital cearense, enquanto a Sapiranga possui predominância de comunidades de classe média baixa. Ao fim das apresentações, foi possível perceber o contraste entre esses contextos e o rebatimento disso na linha de ação adotada por cada um, os quais reconheceram - apesar das diferenças de abordagem de assuntos como violência, festas e comércio ambulante - a importância da ação do outro.

A fim de sanar possíveis dúvidas que poderiam ter sido acumuladas durante a exposição de conteúdo, foi disponibilizado um tempo para debate envolvendo os ouvintes. Os conhecimentos em variadas áreas de atuação fomentaram uma discussão enriquecedora, trazendo empolgação aos presentes que abordaram principalmente assuntos relacionados ao contexto atual de Fortaleza.

5.2 Visita à praça, diagnóstico e elaboração de propostas

Iniciou-se, no dia 10 de março de 2016, a etapa prática da Oficina seguindo a metodologia do Placegame. Este momento teve como objetivo a realização do diagnóstico, juntamente à comunidade, da área que receberia a intervenção, para que fosse possível o desenvolvimento de propostas de curto prazo e baixo custo compatíveis com os anseios dos usuários.

Com a presença de 14 estudantes de arquitetura e urbanismo, às 14h, em uma área livre da universidade particular, formou-se uma roda a fim de estreitar laços, aproximando todos os envolvidos desde o início da atividade. Uma breve dinâmica foi realizada com essa finalidade de apresentação dos participantes, sendo posteriormente explicado o Placegame e abordando o objetivo da atividade, bem como todos os pontos que deveriam ser observados na visita ao local.

A fim de que a Praça da Alvorada fosse contemplada com intervenções espacialmente bem distribuídas, os 14 estudantes foram divididos em 4 equipes, sendo cada uma destinada a analisar e propor medidas para os setores pré-definidos (Rever Figura 2). Entretanto, é fundamental destacar que os integrantes foram previamente informados que, apesar de desenvolver um projeto para uma área específica, o intuito era que fosse possível atingir, juntos, um resultado de revitalização e, principalmente, apropriação do espaço público.

Orientados sobre o processo e com o material didático em mãos, as equipes chegaram na Praça da Alvorada por volta das 16h, horário em que o local não apresentava número significativo de pessoas. Aos poucos, o movimento na praça foi sendo intensificado com a passagem de alunos das escolas vizinhas, trabalhadores que desciam na parada de ônibus próxima, jogadores de basquete da quadra e curiosos que foram se aproximando na tentativa de entender a finalidade do mutirão.

O receio de se aproximar foi dando espaço à empolgação quando a comunidade compreendeu o intuito da atividade. Pessoas das mais variadas idades propuseram sugestões por meio de desenhos e diálogos sobre o histórico do local e a necessidade de um amparo maior naquela região. Ainda na praça e com participação ativa dos transeuntes, os alunos escreveram e ilustraram as propostas de curto e longo prazo em cartolinas (Figuras 3, 4, 5 e 6). Com retorno às 18h para a universidade, em sala de aula, as ideias foram compartilhadas

e debatidas com os demais participantes, sendo, por vezes, complementadas tendo a preocupação em estabelecer prioridades.

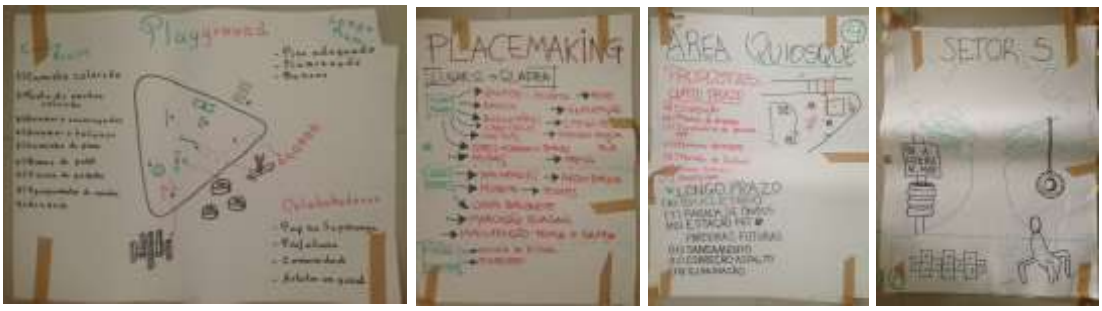

Fig. 3, 4, 5 e 6 Cartazes de apresentação das propostas. Fonte: arquivo pessoal.

5.3 Dia da ação

Com as propostas amadurecidas, o dia 11 iniciou-se às 8h, com o transporte dos materiais - tintas, sprays, serrote, pregos, martelos, pincéis, pallets, pneus e mudas de plantas, - no ônibus da universidade para a Praça. Chegando ao local, foi de grande felicidade notar que a mobilização, por parte dos moradores, já havia se iniciado com as pessoas varrendo, fazendo a manutenção do parquinho infantil e podando a copa das árvores. Posteriormente ao descarregamento dos materiais, as equipes se organizaram e iniciaram as intervenções (Figuras 7, 8 e 9).

Fig. 7, 8 e 9 Imagens do dia da ação. Fonte: Luciana Otoch (8 e 10) e arquivo pessoal (9).

A colaboração por parte dos moradores, durante todo o período de permanência no local foi de fundamental importância. Enquanto o conhecimento técnico de alguns trabalhadores auxiliou na concretização dos projetos - marceneiros, ferreiros, pintores e comerciantes – discutindo com os estudantes a melhor forma de viabilizar as propostas, as crianças usaram a criatividade na pintura da mureta da quadra e o carinho na plantação das mudas.

Com apenas um breve intervalo para o almoço, a ação se entendeu até às 19h, sendo as melhorias usufruídas imediatamente após a conclusão das intervenções. Moradores realizaram registros fotográficos e comentaram sobre o uso do espaço até às 23h, horário não habitual nos outros dias.

5.4 Celebração

Com novos mobiliários e tinta ainda fresca, a manhã do dia 12 foi reservada para reunir todos os envolvidos a fim de comemorar a conclusão do ciclo em meio a um espaço revitalizado e com novos laços afetivos construídos. As crianças formaram a maior parte do público

presente, mostrando-se entusiasmadas com as intervenções, entretanto, com o início da apresentação musical do Conjunto Cururu Tei Tei e com venda de comidas veganos, pessoas de várias localidades foram se aproximando, formando um grande momento de celebração (Figuras 10 e 11).

Fig. 10 e 11 Fotos do dia da celebração. Fonte: arquivo pessoal.

Para finalizar a oficina e avaliar os resultados, foi realizada uma roda para que fossem compartilhados depoimentos dos envolvidos, assim como a realizada no primeiro dia de Oficina no dia 10 de março. Neste momento, moradores e alunos da universidade relataram suas expectativas e como estas foram rebatidas diante do processo prático e do resultado obtido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina de Placemaking superou as expectativas quando se trata da interação entre os alunos e a comunidade que frequenta a praça, e de ambos com o espaço público. Indo além, ela conquistou afeto pelo lugar e entre as pessoas (Figuras 12 e 13). Em poucos dias, foi possível estreitar laços de forma a construir novas amizades e novos conceitos como a questão do pertencimento do espaço público, além do entendimento de teorias como o urbanismo tático.

Fig. 12 e 13 Fotos do dia da celebração. Fonte: arquivo pessoal.

Foi possível observar alunos de arquitetura que, ao debater temas como o direito à cidade e mostrar a pessoas da comunidade as suas descobertas, compreenderam o objetivo da Oficina, sem se limitar aos setores designados. A união de forças viabilizou a execução das tarefas de forma rápida e eficiente. Além disso, pôde-se constatar, em forma de carinho, solidariedade e sorrisos, pessoas da comunidade mostrando suas habilidades e receptividade em ajudar a revitalizar e cuidar do espaço público (Figuras 14 e 15).

Fig. 14 e 15 Fotos do dia da ação. Fonte: Luciana Otoch.

Por outro lado, quando o processo passa por uma avaliação, é notado que algumas alterações poderiam ter tornado ainda melhor a experiência. Atitudes como solicitar um retorno maior dos alunos quanto a avaliação da praça inclusa no material e buscar tornar a apresentação dos conceitos urbanísticos, principalmente aos leigos, mais acessível pela linguagem e referências. O retorno após a mesa de debates foi o melhor possível, serviu para inspirar diversos alunos a agirem – mesmo além da Oficina de Placemaking – e os inspirou de tal maneira que muitos participantes no dia seguinte não estavam sequer inscritos preliminarmente para a atividade.

Foi notório perceber o interesse dos alunos e dos moradores da comunidade, quando os primeiros indagaram sobre a replicação das ações, indagando ao coletivo A-braço se iríamos realizar outras intervenções e demonstraram interesse na preparação da oficina e quando os segundos perguntaram sobre a manutenção do espaço e se voltaríamos para acompanhar os resultados. Assim, para os estudantes foi disponibilizado todo o material elaborado aos alunos que participaram, para que possam propagar intervenções desse gênero, enquanto para a comunidade foi dada a ênfase ao papel cidadão de manter e zelar por aquele espaço que foi construído por todos.

Como desfecho, podemos mencionar que os ganhos da oficina não podem ser quantificados objetivamente – apesar das diversas benfeitorias realizadas na praça como a pintura da quadra, construção de bancos com pallets, sinalização da parada de ônibus e da arena da bila, pintura de faixa de pedestres, plantio de árvores, construção de um ninho do livro, implantação de novos brinquedos e reparo dos existentes no parquinho (Figuras 16, 17 e 18) -, mas sim subjetivamente, afinal tratamos de um bem comum e de todos, construído através do interesse coletivo das pessoas e que proporcionou engrandecimento intelectual e cidadão.

Fig. 16, 17 e 18 Fotos das benfeitorias: pintura da quadra, banco sob as árvores, bancos e sinalização na parada de ônibus. Fonte: arquivo pessoal.

7 REFERÊNCIAS

Brasil, P., s.d. ***O que é Placemaking.*** [Online]
Available at: http://www.placemaking.org.br/home/o-que-e-placemaking
[Acesso em 26 abril 2016].

Gehl, J. (2013) ***Cidades para pessoas***. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva.

Gonçalves, F. d. N. (2007) **Comunicação, arte e invasões artísticas na cidade**. *LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos,* Issue Ano 14, 1º semestre.

Lefebvre, H. (2001) ***O Direito à Cidade***. 1ª ed. São Paulo: Centauro.

Oliveira, E., Coelho, S. & Carvalho, S. (2008-2009) **Esfera Social Espaço Urbano**. *Experiência no Espaço Público,* p. 41.

Queiroga, E. F. (2011) **Do vazio ao público: Requalificando paisagens, reestruturando territórios**. *Paisagens Ambiente*, pp. 21-40.

Rolnik, R. (2012) ***O que é cidade***. São Paulo: Brasiliense.

Steffens, K. & Vergara, J. (2013) **Ciudade Emergente e Street Plans**. *Urbanismo Táctico 3: Casos Latinoamericanos* , p. 68.

Virilio, P. (1993) ***O Espaço crítico***. Rio de Janeiro: Editora 34.